



Elizardo Pérez e Avelino Siñani, precursores da libertação indígena. Warisata e o parlamento dos amautas¹

Juan Guillermo Mansilla Sepúlveda²

Universidade Católica de Temuco, Chile

Grupo de pesquisa HISULA <https://orcid.org/0000-0001-8175-7475>



Artículo de revisión

<https://doi.org/10.19053/01227238.16253>

<https://doi.org/10.19053/01227238.16253>

Historia del artículo:

Recibido: 04/04/2022

Evaluado: 19/06/2022

Aprobado: 19/02/2023

Cómo citar este artículo:

Mansilla Sepúlveda, Juan Guillermo. "Elizardo Pérez y Avelino Siñani, precursores de la liberación indígena. Warisata y el Parlamento de los amautas" Revista Historia de la Educación Latinoamericana vol. 25 no.40 (2023).

Resumo

Objetivo : Conhecer o projeto pedagógico de educação indígena e camponesa de Elizardo Pérez e Avelino Siñani desde a fundação da "Escola Ayllu" de Warisata na Bolívia.

Originalidade/contribuição : Foi realizada uma revisão exaustiva e sistematização de fontes primárias e secundárias sobre um tema desconhecido na história da pedagogia latino-americana. Ao tornar visível uma das primeiras experiências pedagógicas interculturais na Bolívia, procuramos sensibilizar os educadores que atuam profissionalmente em territórios com alta densidade indígena.

1 Este trabalho foi financiado pela ANID/BASAL FB210018.

2 Doutor em Filosofia e Letras, acadêmico da Faculdade de Educação da Universidade Católica de Temuco, membro do grupo de pesquisa HISULA vinculado ao Uptc. Pesquisador associado do Centro Internacional Cabo Horn (CHIC), Puerto Williams, Chile. E-mail: jmansilla@uct.cl



Método : Qualitativo a partir de paradigma hermenêutico e com escopo descritivo. O desenho corresponde a uma revisão bibliográfica baseada na triangulação de diversas fontes.

Estratégias/recolha de informação : A informação é transformada em dados e os dados em conhecimento através do registo de cartas, documentos de arquivo, fotografias, livros, imprensa digital, documentários televisivos e artigos científicos indexados. A análise desenvolvida é de conteúdo qualitativo.

Conclusões : A “Escola Ayllu” de Warisata surgiu no contexto de uma luta de forças sociais e políticas antagônicas muito desiguais entre a classe proprietária de terras e os povos indígenas. Elizardo Pérez e Avelino Siñani foram líderes da educação indígena e intercultural na Bolívia e na América Latina e no Caribe. Eles eram um paradigma do comunitarismo indígena , da reciprocidade e do *ethos* da sabedoria aimará .

Keywords : *Elizardo Pérez; Avelino Siñani Pedagogia Indígena Boliviana; amautas.*

E Lizardo Pérez e Avelino Siñani , precursores dos indígenas libertação . Warisata e o Parlamento dos Amautas

110

Abstrato

Objetivo: Conhecer o projeto pedagógico de educação indígena e camponesa de Elizardo Pérez e Avelino Siñani , fundadores da “ Escola Ayllu ” de Warisata na Bolívia.

Originalidade/Contribuição : realizamos uma ampla revisão e sistematização de fontes primárias e secundárias de um tema desconhecido na história da pedagogia latino-americana. Ao tornar visível uma das primeiras experiências pedagógicas interculturais na Bolívia, buscamos conscientizar os educadores que atuam em territórios com alta densidade indígena.

Método: abordagem qualitativa baseada em paradigma hermenêutico e escopo descritivo. O desenho corresponde a uma revisão bibliográfica baseada na triangulação de diferentes fontes.

Estratégias/Coleta de dados : A informação é transformada em dados e os dados em conhecimento através do arquivamento de cartas, documentos de arquivo, fotografias, livros, imprensa digital, documentários televisivos e artigos científicos indexados. A análise é de natureza qualitativa.

Conclusões : A “ Escola Ayllu ” de Warisata surgiu no contexto de uma luta de forças sociais e políticas antagônicas muito desiguais entre a classe

latifundiária e os povos indígenas. Elizardo Pérez e Avelino Os Siñani foram referências da educação indígena e intercultural na Bolívia, na América Latina e no Caribe. Eles eram um paradigma do comunitarismo indígena, da reciprocidade e do ethos da sabedoria aimará .

Keywords : *Elizardo Pérez; Avelino Siñani boliviano indígena pedagogia amautas .*

Elizardo Pérez e Avelino Siñani : Precursores da liberdade indígena. Warisata e o parlamento dois amautas .

Resumo

Objetivo: desenvolver o projeto pedagógico de educação indígena e rural de Elizardo **Pérez e Avelino** Siñani a partir da fundação da “Escola Ayllu ” de Warisata na Bolívia.

Originalidade/contribuição: Foi realizada uma revisão exaustiva e sistematização de fontes primárias e secundárias de um tema desconhecido na história da pedagogia latino-americana. Torna visível uma das primeiras experiências pedagógicas interculturais na Bolívia, que busca sensibilizar educadores que atuam profissionalmente em territórios indígenas de alta densidade.

Método: Qualitativo a partir de um paradigma hermenêutico com escopo descritivo. O desenho corresponde a uma revisão bibliográfica baseada na triangulação de diversas fontes.

Estratégias/fila de dados: A informação é transformada em dados e os dados em conhecimento através da recolha de cartas, documentos de arquivo, fotografias, livros, impressão digital, documentários televisivos e artigos científicos indexados. A análise desenvolvida é de conteúdo qualitativo.

Conclusões: A “Escola Ayllu ” de Warisata surgiu no contexto de uma luta de forças sociais altamente díspares e políticas antagônicas entre a classe latifundiária e os povos indígenas. Elizardo **Pérez e Avelino** Siñani fornecem referências relevantes para a educação indígena e intercultural na Bolívia e na América Latina e Caribe. Foi um paradigma do comunitarismo indígena , da reciprocidade e do ethos do conhecimento aimará .

Palavras-chave: *Elizardo Pérez; Avelino Siñani Pedagogia Indígena Boliviana; amautas*

Introdução

Se não tivermos a coragem civil de apontar este crime perante o povo, seremos também tão responsáveis como aqueles que fizeram o mal para o país; porque o edifício nacional está corroído por ambições subalternas, ódio e amargura tão profundos que parece que nós, bolivianos, gostaríamos de desaparecer, destruindo-nos uns aos outros.

[...]

Não fui a Warisata para ensinar o silabário, mas para conscientizar .

Elizardo Pérez, 1941

A discussão, iniciada em 1931 por Elizardo Pérez com a construção da Escola Ayllu de Warisata , constituiu um marco único na história indígena e camponesa da Bolívia no século XX e com repercussões na América Latina e no Caribe. Em particular, Warisata consegue captar o desejo de libertação indígena da opressão do Estado e dos proprietários de terras bolivianos, que sempre controlaram praticamente todas as áreas da vida do povo. Warisata , liderado pelo professor Elizardo Pérez, foi um sinal visível de uma revolução pedagógica sem precedentes, emergindo “de baixo”; Foi um oásis de dignidade, valor e amor ao outro até a sua destruição em 1940. O esforço pedagógico e político de Elizardo Pérez foi uma tentativa concreta de alcançar uma descolonização autêntica, para enfrentar não só a opressão dos grupos dominantes bolivianos, mas também uma tentativa concreta de alcançar a descolonização autêntica. também à espessa trilha da homogeneização cultural. Mas qual foi esse primeiro passo? Promover a intraculturalidade na escola.

Na verdade, poderia ser considerado um antecedente conjuntural, uma espécie de prelúdio à revolução de abril de 1952 e à reforma agrária de 1953. Nesse sentido, a autodeterminação e a livre determinação do povo e da sua própria educação atingiram o seu apogeu. com a forma de governo comunitário adotada por Warisata sob o nome de “Parlamento Amauta ³”, que revitalizou o antigo **ulaka** Aymara -Quechua, através do qual os indígenas recuperaram o direito de se comunicar em sua própria língua e participar de seu próprio destino, constituem sua **ordo amoris** e que, como nível sublime de decisão, tornou-se um poderoso e eficiente mecanismo de agência de organização, trabalho, controle, e não só na escola, mas em toda a área de influência indígena. Da mesma forma, são reconhecidas as formas de resgate da instituição ancestral do **ayllu** .

O ayllu é a célula social dos povos andinos e foi formada muito antes do Inkario [...]. Sua linhagem, sem dúvida, é aimará . Bautista Saavedra sustenta que “as formas coletivistas de

O Império Peruano vem da civilização Aymara .” [...]

No início de sua existência, o ayllu nada mais era do que a família que cresceu governada pelo velho pai como líder e liderado de acordo com as regras do respectivo totem. Por consequência, As forças que lhe dão essência e vida são o vínculo de sangue e o espírito religioso.

3 No Império Inca, as classes nobres e reais eram formalmente educadas pelos amautas (homens sábios), enquanto a fonte de conhecimento do povo vinha diretamente de suas famílias, conhecimento esse que era transmitido de geração em geração. Em suma, os amautas eram pessoas expressamente dedicadas ao ensino. Francisco Larroyo , *História geral da pedagogia* (Cidade do México: Porrúa, 1967): 45.

Na sua evolução posterior, encontramos uma série de elementos que garantem a sua permanência nas diferentes culturas que se sobrepõem. Esses elementos são: família, religião, cooperativismo familiar, coletivismo, formas de propriedade e uso da terra, indústria familiar e língua.⁴

A escola utilizou o *ayllu* com resultados notáveis: o *ayni*, o *amincka*, o *tupu*, o *sayaña*, o *aynockay* o *jatha*, referindo-se ao trabalho coletivo e ao uso da terra pela comunidade, que dá sentido original à escola, integra-a à o seu mundo social como experiência natural, obriga-o a ultrapassar os seus muros para se estender ao espaço vital envolvente com o qual se identifica, que conduz e orienta; A partir daí começaria a ideia – em todos os sentidos superior à simples “escola do trabalho” – de uma “escola produtiva”, a forma de escola mais adequada para um país empobrecido e que, ao abordar o conflito social, devolve à comunidade o direito educar que o Estado usurpou. É um poderoso exercício de soberania pedagógica e epistemológica⁵.

Portanto, é muito justo que Warisata tenha sido chamada de Escola - *Ayllu*, pois inclui todos aqueles conceitos que, ao serem estruturados na antiga “marca Inca”, originam a criação do “núcleo escolar” adotado por grande parte do países da América Latina e do Caribe. A Escola - *Ayllu* tem seus fundamentos na oficina e no campo, que se complementa com o ensino em sala de aula por meio de um currículo simplificado, não imposto pelas pedagogias ocidentais e oficiais do governo, mas nascido e ancorado nas próprias necessidades da cidade, neste caso Warisata, afastando-se de qualquer tradição centralizadora. O tempo de escolaridade é reduzido para nove anos, com três grandes blocos de formação: elementar, profissional e profissional (e jardim de infância), nos quais se reflete a noção de “escola única”. Esse mesmo caráter da escola como espaço de restauração do mundo da vida, obriga, mas sem qualquer imposição, a eliminar horários, exames e férias, todos aspectos menos compreendidos porque é difícil aceitar que uma escola indígena seja pautada por uma classificação lógica gregoriana das coisas no mundo⁶.

4 Elizardo Pérez, *Warisata : A Escola - Ayllu* (La Paz: CERES/HISBOL, 1992). [Itálico no original].

5 *Ibid.*, 56.

6 Víctor Fernández Coca, “Escola Ayllu Elizardo Pérez”, *Opinião*, Cochabamba, 4 de maio de 2014, 2.

Imagem 1. Alunos da Escola “Única”, secção profissional dirigida pelo aluno Mariano Pari , da Caiza “D”, melhor aluno normal de Warisata (1940).



La Escuela “Única”. Sección Vocacional a cargo de Mariano Pari, alumno proveniente de Caiza “D” y que fue el mejor normalista de Warisata (1940).

Fonte: María V. Pérez Oropeza ⁷.

Antecedentes biográficos de Elizardo Pérez

114

O professor Elizardo Pérez nasceu em 1892 na localidade de Ayata , que é ao mesmo tempo município da província de Muñecas, localizada no departamento de La Paz, na Bolívia. Em 1909 ingressou como aluno de pedagogia na Escola Superior de Formação de Professores “Mariscal Sucre” ⁸, fundada em 6 de junho de 1909, tornando-se, portanto, um dos primeiros alunos formados e titulados. Foi discípulo do pedagogo belga Georges Rouma ⁹.

Nas primeiras décadas do século XX, a educação pública na Bolívia era praticamente inacessível aos indígenas ¹⁰. Especificamente, em 1911, na província de Umasuyu , departa-

7 María Victoria Pérez Oropeza, *Elizardo Pérez. O despertar das consciências* (La Paz: Campanha pelo Direito à Educação, 2017), 71.

8 Foi originalmente chamada de Escola Formal de Professores e Preceptores da República da Bolívia.

9 A biblioteca da antiga Escola Normal de Professores e Preceptores da República, hoje Universidade Pedagógica Nacional “Mariscal Sucre”, leva seu nome. É a famosa Biblioteca Georges Rouma (BGR). Um dos livros de pedagogia mais importantes de George Rouma foi *A linguagem gráfica da criança*, publicado em Buenos Aires, em 1947, pela livraria e editora El Ateneo. É uma magnífica edição de 454 páginas com lindas ilustrações.

10 A Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia reconhece 36 nações e povos camponeses indígenas nativos, com território, população e língua próprios. Neste conglomerado de povos, dois deles são considerados maioria: os aimarás e os quáchuas. Outras 34 nações indígenas bolivianas, como os Guaraní, os Cayubaba , os Uru , os Mojeño , ou os T’simane , foram reconhecidas constitucionalmente como minorias, mas outros 60 grupos não foram reconhecidos como nações, como, por exemplo , o povo indígena Uchupiamona . Em resumo, os bolivianos costumam dividir seu território em três regiões, todas com abundante população indígena: Terras Altas (La Paz, Oruro, Potosí), Vales Centrais (Cochabamba, Chuquisaca e Tarija) e Terras Baixas (Santa Cruz, Beni e Pando). . Evo Morales, um aimará , o primeiro presidente indígena da Bolívia, nasceu em Oruro. Deutsche Welle , “Bolívia plurinacional: o que une e o que divide seus

mento de La Paz, onde mais tarde se localizaria Warisata, existiam nove “escolas indígenas”, com um total de 396 alunos¹¹.

Elizardo Pérez foi um pedagogo que, ansioso por conhecer as profundezas de seu país, aproveitou sua posição de inspetor escolar para percorrer os pampas, a puna e os montes de neve em lombo de mula e a pé por caminhos inexplorados; O ano era 1917 e no seu percurso atravessou Warisata, uma cidade remota onde encontrou uma pequena escola, pioneira na educação bilíngue aimará -espanhol. Lá foi recebido por Avelino Siñani, um aimará que ocupava o cargo de jilacata de sua comunidade, o único oriundo de região sujeita aos latifundiários. Avelino contou-lhe que fazia parte de um movimento massivo de caciques que assumiram o controle de comunidades indígenas e de prefeitos e menores que resistiram na luta pela alfabetização e educação por meios legais, juntamente com a reivindicação dos direitos de propriedade sobre as terras despossuídas pelos poderosos proprietários de terras locais. Contou-lhe a história de seu filho Miguel Siñani, que, com apenas 17 anos e acabando de terminar o ensino médio, mudou-se para a cidade de Achacachi onde foi preso, açoitado e torturado por gritar “Viva a Bolívia livre” e, como resultado de seus ferimentos, ele morreu um ano depois. O irmão de Avelino, Julián Siñani, enfrentou situação semelhante com os inimigos da educação camponesa, quando foi condenado a dez anos de prisão por trazer material escolar. Naqueles anos, todas as tentativas dos povos indígenas de fundar escolas e alfabetizar a sua comunidade foram reprimidas pela força e os seus promotores torturados e presos. Assediado pela violência, Avelino fugiu com a família e durante anos dedicou-se ao gado, mas regressou e reabriu a escola, apesar das acusações de ser agitador e da subsequente prisão e tortura¹².

Elizardo, por sua vez, contou a Avelino suas viagens pelo coração da Bolívia, o sofrimento de tantos povos que encontrou, todos muito distantes da chamada “civilização”. Elizardo sabia da enorme importância que Avelino dava ao aprendizado da leitura e da escrita para lutar contra os usurpadores de suas terras, pois só a educação poderia libertá-los do estado de subordinação que tiveram de suportar durante séculos. Elizardo, ao ouvir a profundidade de Avelino e seu pensamento, a força de seu espírito, pediu-lhe que montasse duas mulas para acompanhá-lo até Copacabana, onde guardava o material escolar necessário para iniciar a concepção e implementação do projeto político-pedagógico em um armazém: educação própria desde as raízes da cidade.

Em Copacabana, Elizardo deu todo o material didático para Avelino, que ficou surpreso, “porque tem até relógio de parede, ele até falou!” Os amigos se separaram e só voltariam a se ver muitos anos depois¹³.

povos indígenas” (dw.com), 24 de agosto de 2017. <https://www.dw.com/es/bolivia-plurinacional-qu%C3%A9-unites-e-o-que-C3%A9-divide-seus-povos-ind%C3%ADgenas/g-59480485>.

11 Roberto Choque, “A escola indígena: La Paz (1905-1938)”, in Oficina de História Oral Andina, THOA, Educação indígena: Cidadania ou colonização? (La Paz: Secretaria Nacional de Educação, 1996), 21.

12 Pérez Oropeza, op. cit., 18.

13 *Ibid.*, 19.



Imagem 2. Elizardo Pérez e Avelino Siñani (centro e direita), fundadores da escola Warisata , na companhia do líder comunitário Mariano Ramos, em 1931

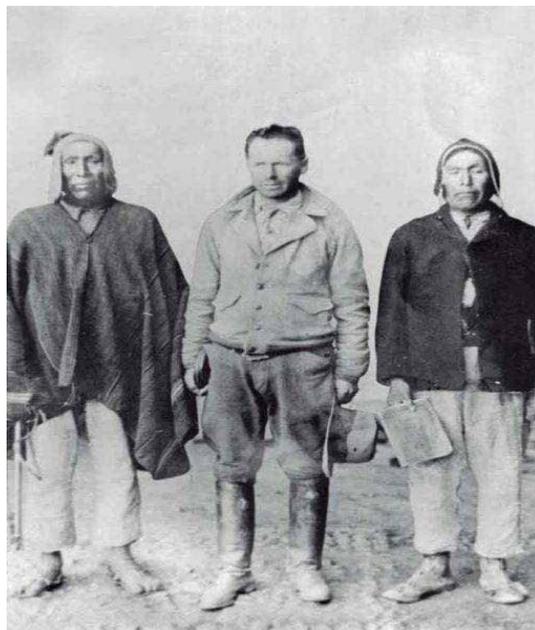


Foto: Carlos Salazar Mostajo.

Elizardo Pérez assumiu, em 1931, a direção da Escola Indígena Miraflores , na cidade de La Paz, cargo do qual finalmente renunciou por incompatibilidade com seus valores e princípios pedagógicos. As circunstâncias deste ato foram as seguintes: ao chegar ao Ministério da Educação ¹⁴, solicitou falar com o Ministro Mercado para informá-lo de que renunciaria ao cargo de diretor da Escola Normal Indígena Miraflores . O ministro, surpreso, pergunta-lhe os motivos desta medida drástica. Elizardo Pérez responde o seguinte:

*Acho que a escola indígena deveria estar localizada no ambiente indígena, onde ele luta para não desaparecer; que não deve estar atrelado apenas ao alfabeto, mas que a sua função deve ser eminentemente activa e dotada de um evidente conteúdo social e económico; que os pais devem cooperar na sua construção com o seu próprio trabalho e cedendo terrenos em homenagem ao trabalho da cultura; que a escola deve irradiar a sua ação para a vida da comunidade e atender ao desenvolvimento harmonioso e simultâneo de todas as capacidades da criança no seu processo educativo.*¹⁵

O foco da ideologia educacional de Elizardo Pérez era a educação integral dos povos indígenas que viviam no altiplano boliviano e por isso decidiu construir a primeira escola indígena da Bolívia, um exemplo que impactaria outras cidades do altiplano e outras de

14 Daniel Sánchez Bustamante, Ministro da Instrução Pública em 1930, deu um grande impulso à educação ao emitir decretos para a criação de diversas instituições e diretorias de educação da classe média e dos povos indígenas, certamente porque também era educador.

15 Pérez Oropeza, *op. cit.*, 21 .

Abya. Ainda a . Elizardo Pérez destaca os princípios que nortearam a criação e funcionamento do centro educativo: tudo o que era comunitário se concentrava na escola e reproduzia a comunidade, enquanto o Parlamento Amauta abrangia todos os aspectos da escola, desde a pedagogia ou a forma de ensino, até o conteúdo e gestão organizacional.

Nesse mesmo ano, 1931, Elizardo Pérez rumou para Warisata . Ao passar por Achacachi, ele conversa com o povo, com as autoridades ancestrais e com os vizinhos mais destacados. Depois, dirigindo-se a quem o recebeu, diz: “Procuro os *ayllu* , a comunidade indígena; São vocês quem vão ter que fazer a escola, já que o Governo não tem um centímo para a obra. “É com essa ideia que vou para Warisata ”¹⁶O bairro manifestou a sua total concordância com o planeamento proposto e ofereceu ampla colaboração em todos os sentidos para lançar o projecto comunitário. Quanto aos terrenos, os presentes comprometeram-se a adquiri-los por conta do município, no local e extensão periodicamente indicados¹⁷.

[...] Aceitei a oferta, foram tomadas providências para que os índios Warisata os esperassem no dia seguinte . Na verdade, todos estavam presentes. No meio da grande multidão, surgiu um homem de estatura mediana, de evidente ascendência Kolla ; Era Avelino Siñani¹⁸.

O encontro com seu querido amigo Avelino Siñani , o homem aimará que valorizava imensamente a educação, fundiu-se num longo e afetuoso abraço. Avelino se empenhou tanto que decidiu fundar esta histórica escola indígena em 2 de agosto de 1931, que se tornaria um farol para futuras escolas e projetos semelhantes que proliferaram no país. A liderança do professor Pérez mudou radicalmente a educação dos aimarás e dos quíchuas.

Antecedentes biográficos de Avelino Siñani

Avelino Siñani foi um indígena visionário, que acreditava na libertação de seus irmãos por meio da educação, o que chamava de “iluminação com fogo sagrado”. Devido ao seu conhecimento dos mistérios ocultos da natureza, do futuro e do que está no fundo do espírito humano, ele foi considerado um grande especialista, quase como a reencarnação dos sábios amutas do Inca. Muito pouco ou quase nada se sabia sobre este extraordinário sábio, desconheciam-se os dados mais genéricos, quem eram seus pais, a data de seu nascimento e o que fazia antes de entrar na escola, até que sua filha Tomasa Siñani de Villca , em 1992, escreveu uma breve biografia.

Avelino Siñani nasceu em 6 de fevereiro de 1881 em Warisata , um dos sete filhos de Tiburcio Siñani e Jacoba Cosme. Aos dezenove anos ficou noivo de María Quispe Huallpa , de cuja união nasceram doze filhos, entre eles “Tomasita”. Sua esposa será sua grande companheira e aliada na missão de educar “o grupo”, abrindo mão de terras para alcançar a emancipação indígena através da própria educação: “Ao lado de sua magnífica disposição para o trabalho, não havia pouca abnegação, como comprova o facto de os Amautas terem cedido gratuitamente as terras de que o nosso programa agrícola necessitava. Como sempre,

16 Pérez Oropeza, op . cit ., 23.

17 Pérez Oropeza, op . cit ., 23.

18 Pérez Oropeza, op . cit ., 23.



o primeiro a entregar a sua trama foi Avelino Siñani .” Educou -se clandestinamente e para isso fez extensas viagens de quatro horas em mula de volta a Warina , sempre tomando o cuidado de esconder qualquer material de leitura e escrita, elementos estritamente proibidos aos indígenas; Não hesitou em aproveitar os conhecimentos assim obtidos para educar os seus irmãos, o que as autoridades não demoraram a descobrir, pelo que foi preso sob a acusação de “chefe agitador”. Na prisão tornou-se um problema político, pois se conta que certa vez um grupo de educadores foi protestar em frente ao presídio com a seguinte proclamação: “Ladrões, assassinos, andam livremente pelas ruas, mas Avelino Siñani “Só por querer educação , ele está sofrendo uma sentença “¹⁹. Já se dizia que seu irmão, Julián Siñani , foi preso e obrigado a arrastar correntes de uma arroba nos pés de Achakachi até Surata, enquanto era chicoteado no caminho, pelo crime de transportar material escolar; e a morte do filho do amauta, Miguel Siñani , em decorrência das torturas infligidas quando foi preso por gritar “Viva a Bolívia Libre”.

O movimento comunal-cacical ao qual pertencia Avelino Siñani antes de conhecer Elizardo Pérez, que lutava através dos meios legais pela alfabetização e educação, bem como pela reivindicação dos direitos de propriedade das terras roubadas pelos grandes proprietários, foi a continuação das mobilizações armadas que Pablo Zárate Willca liderava desde 1899, e que foram fatores definidores para a ascensão do Partido Liberal ao poder²⁰.

Neste contexto, estabeleceu-se um forte racismo contra os *k'aras* (brancos) que Chegaram a Warisata expressando que Elizardo Pérez não havia contado a história de Avelino Siñani, que sem ele não haveria escola, que era necessário resgatar a experiência de Warisata na perspectiva de Avelino Siñani . O que foi tudo isso? Que nova conspiração foi essa? E como é vista a história de Warisata na perspectiva de Avelino Siñani ? São questões que buscam separar as águas de um mesmo rio, ou querem contar a história apenas de um ponto de vista.

Quando estas águas foram encontradas pela primeira vez, em 1917, o inspetor de escolas Elizardo Pérez escreveu sobre a sua viagem pelo território Warisata : “A minha visita não teria tido qualquer significado, portanto, se não tivesse encontrado, na mesma zona , outra “escola particular, dirigida por um índio chamado Avelino Siñani ”²¹. Quinze anos se passaram até um novo e definitivo reencontro, período durante o qual Avelino persistiu na educação dos irmãos, ensinando tudo o que sabia, mas principalmente a língua aimará .

Até que em uma de suas viagens educativas conheceu Elizardo Pérez em Umaphusa , que se refere ao mítico amauta com emoção e reconhecimento respeitoso para com o homem com quem compartilharia a posteridade:

Ao me referir a este homem, faça-o com emoção contida. Não sou escritor: falta-me uma caneta para poder transmitir ao leitor os sentimentos que me invadem ao lembrar deste ilustre homem da linhagem aimará . Tentarei, pelo menos, apontá-lo como exemplo das mais elevadas virtudes humanas. Num outro ambiente, ou noutro tempo, Avelino Siñani teria sido homenageado pela sociedade; mas teve que nascer e viver no sórdido ambiente feudal do Altiplano, degradante e obscurantista, avesso a este tipo de espíritos. E tinha que ser índio, ou seja, um indivíduo de condição social mais baixa no conceito geral. No entanto, sob seu

19 Ibidem.

20 *Ibid.* , 107.

21 *Ibid.* , 109.

*exterior severo, inteiramente kolla , estava escondida uma alma tão pura quanto a de uma criança e tão trabalhadora quanto a de um gigante. Não importa que ele mal dominasse o alfabeto e seu espanhol fosse completamente elementar: sua cultura não residia nas áreas ocidentais; Foi a cultura dos antigos amautas do Inca, dos sábios indígenas de outrora, capaz de penetrar tanto no mistério da natureza como no dos espíritos humanos.*²²

Faltando um mês para sua morte, Avelino sonhou: “Vou morrer logo, estava voando em direção a Illampu , entrei no abismo. Eram três lagos e no meio deles eu caí, nisso era outra vida e vi um habal verde cheio de flores, naquele momento você (Tomasa) apareceu e me respondeu que saíam flores da sua boca que encheu aqueles pampas. Isso significa que no futuro eles farão você falar muito e perguntar sobre mim.” Aí ele me disse: “Tomasa, é melhor você ir para longe, porque aqui estamos cheios de inimigos (...)”²³. Avelino fechou os olhos para sempre às oito da manhã do dia 31 de janeiro de 1941.

A “Escola Ayllu” de Warisata

O abraço entre Avelino e Elizardo simbolizou, após séculos de opressão, um encontro intercultural, baseado em valores como respeito, liberdade, igualdade e, como efeito, o início da consciência de ser boliviano. Em 2 de agosto de 1931 a escola **foi fundada**. O documento de fundação da escola foi publicado no *El Diario* :

*Huarizata , a dez quilômetros da Villa de la Libertad (cidade de Achacachi), capital da Província de Omasuyos , fundada em 2 de agosto de 1931, às 11 da manhã, o Prefeito e Comandante Geral do Departamento de La Paz, Dr. Hertzog , o subprefeito da Província Sr. da Província, Sr. Eliseo Oblitas, em nome do Poder Judiciário, Dr. Justo Durán, o Inspetor de Instrução Indígena , Sr. foi realizada a inauguração da Escola Profissional Indígena Huarizata : o Subprefeito da Província inaugurou o Vigário Estrangeiro com a bênção solene da pedra fundamental do prédio a ser construído para a Escola, ato que foi patrocinado pelo Dr. Dr. Andrade, em nome do Ministério da Instrução Pública, encerrou o evento. Em testemunho do que assinam este documento em quatro vias que devem ser conservadas: uma na pedra fundamental, outra na Câmara Municipal de Achacachi, outra na Subprefeitura da Província e por último a última na Direccção Escolar.*²⁴

22 Elizardo Pérez, *op. cit.* , 75.

23 Pérez Oropeza, *op. cit.* , 124.

24 Citado em Pérez Oropeza, 127-128.



Imagem 3. Comunidade Warisata fabrica tijolos e adobe para a construção da escola, em 1931

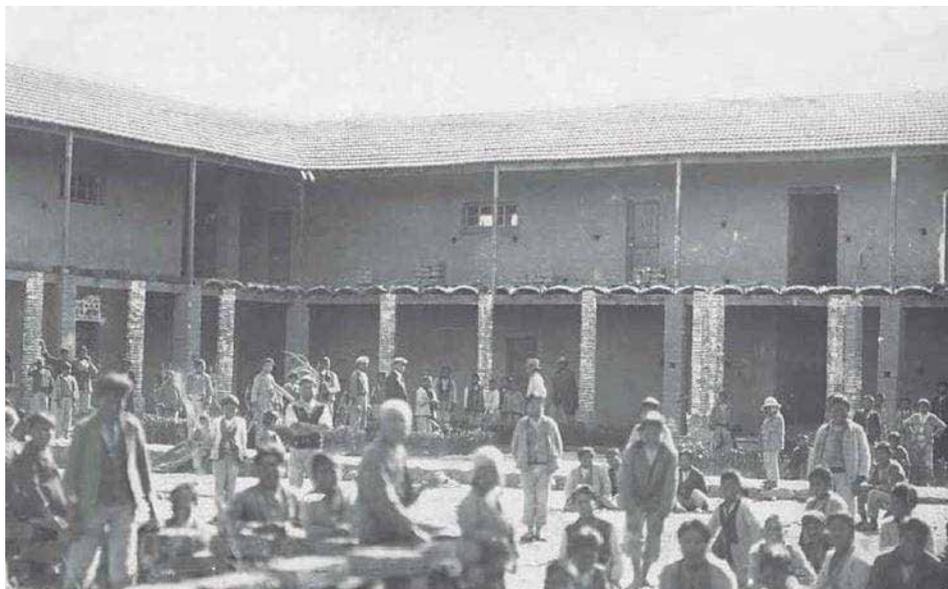


Foto: Carlos Salazar Mostajo.

120

Este local não é um ayllu, mas sim terras de grandes proprietários que não abrigavam uma dezena de indígenas livres, ou seja, pertencentes aos ayllu. Warisata havia sido absorvido pelas fazendas e funcionava como uma terra sujeita à exploração dos latifundiários Achacacheño, que foram gradualmente desapropriando os indígenas até se tornarem proprietários de quase toda a área. No dia seguinte à fundação, cento e cinquenta alunos inscreveram-se na alfabetização, confiando essa tarefa ao professor de mecânica e serralharia José la Riva. O material didático era abundante: cadernos, silabários, livros de leitura, régua, lápis, giz, canetas, etc., variedade que deslumbrava as crianças indígenas. O carpinteiro Quinterio Miranda montou sua oficina em uma cabana e o mecânico De la Riva colocou suas ferramentas em outra *chujlla*. O pedreiro Manuel Velasco iniciou o seu trabalho à beira da estrada, fustigado por um vendaval furioso. As ferramentas, a princípio, eram precárias e eram propriedade de Elizardo Pérez²⁵.

Elizardo falou-lhes sobre a importância da sua função econômica e social, da participação comunitária, da contribuição dos pais para o futuro do país. Assim, aos poucos, foi-se abrindo a consciência de que eram uma parte gravitante da pátria, de que para além das suas montanhas havia outros povos que olhavam com admiração e respeito para o trabalho que realizavam e que já transcendia os confins nacionais. Essas reuniões ao entardecer foram o início do que seria chamado de Conselho dos Amautas. Nessas conversas foi discutida a construção da “Escola Ayllu”.

25 *Ibidem*.

No início de 1932, a escola finalmente apareceu no Orçamento da República da Bolívia, e a primeira tarefa foi recrutar professores. Elizardo Pérez decidiu dispensar os professores da escola normal, porque considerava que eles não tinham aptidões para lutar no campo, o seu espírito e os seus objetivos não eram relevantes para aquela vida dura; por isso procurou jovens familiarizados com a vida rural, dispostos ao esforço e ao trabalho sistemáticos. A “Escola Ayllu” foi além da sala de aula, o trabalho social, a resolução de problemas, a criatividade, a capacidade de superar todas as deficiências que a vida lhes impôs foram importantes, além da hostilidade dos políticos e da sociedade rural que só zelavam pelos seus interesses.

No mês de maio de 1932 tivemos a visita do Vice-Presidente da República, Sr. José Luis Tejada Sorzano, do Ministro da Educação Alfredo Otero e outras personalidades. Não sei por que o vice-presidente ficaria de mau humor, mas logo passou quando ele contemplou tudo o que era a escola: a magnitude do prédio construído pelo esforço dos índios [...].²⁶

Em abril de 1936 Elizardo Pérez recebeu ordem do Ministério para suspender a criação de núcleos, sem motivos aparentes. Em seguida, Elizardo Pérez apresentou sua renúncia ao cargo de diretor da Warisata. Em outubro de 1936 foi realizada a Primeira Assembleia de Professores Indígenas, convocada a pedido do novo Ministro da Educação, Tenente Coronel Alfredo Peñaranda. Os pontos fundamentaram ideologicamente o que foi feito na escola e são os seguintes: 1. Delimitação da problemática educacional indígena. 2. Doutrina biológica da escola indígena tipo Warisata. 3. Governo Coletivista e Parlamento Amauta. 4. Autonomia económica do núcleo escolar e sua função industrial. 5. Aspecto social indígena da escola. 6. Warisata, Instituto de Indologia e Experimentação Pedagógica. 7. A Escola como defesa social. 8. Função social da escola. 9. Filosofia da escola indígena.

Em 1937 Elizardo Pérez foi nomeado diretor geral da Educação Indígena e no ano seguinte, em 1938, foi acusado de ladrão. Doente, ele continua trabalhando “movido pela nova emoção que abalou os ayllus” e “pelas novas correntes que surgiram, movimentando a vida do índio desde suas camadas mais profundas”. Em 1940, um decreto do presidente Carlos Quintanilla entregou as escolas indígenas aos seus piores inimigos. Na Bolívia, é abolida a Diretoria de Educação Indígena. Com a expansão da organização nuclear Warisata, o Estado conseguiu controlar centenas de escolas indígenas que haviam sido fundadas e sobre as quais tinha pouco conhecimento. A nuclearização destas escolas implicou um processo de expansão e foi a primeira reforma institucional do ensino público desde a sua reorganização no início do século ²⁷.

foi publicado o decreto que anulou a Diretoria de Educação Indígena, “surgiu no país um protesto unânime em defesa do nosso trabalho”. A carta que mais de vinte escritores, artistas e políticos escreveram ao presidente Quintanilla, datada de 24 de janeiro de 1940, é sui generis, na qual resumem o tempo de mudança que surgiu em Warisata e apontam as razões “singulares” que utilizaram. cancelar a Diretoria Geral de Educação Indígena, entre elas:

3. ° - Que as escolas são centros de propaganda extremista e, pelo contrário, são pontos de partida de um nacionalismo consciente e sincero no qual se educam as novas gerações de camponeses.

26 Elizardo Pérez, *op. cit.*, 134.

27 María Luisa Talavera, “Professores urbanos e rurais na expansão da educação pública boliviana. 1940-1964”, *Ciência e Cultura*, nº 30 (2013): 179.

4. ° - Que representam um perigo para a estabilidade social e, pelo contrário, as escolas se esforçam para acabar para sempre com o preconceito racial inapropriado que ainda persiste em algumas esferas.

Em suma, são múltiplas as razões que fizeram do processo educacional camponês boliviano um dos fatos mais vigorosos de nossa vida independente, tanto que conquistou o respeito de países de cultura superior, os mesmos que hoje tentam aproveitar-se de sua resultados [...] ²⁸

Portanto, solicitaram a validade daquela instituição. Se me refiro a esta carta é para mostrar como a sociedade civil se envolveu com o trabalho indígena e foi capaz de sair em sua defesa. Entre os que assinaram essa carta estão figuras importantes como Víctor Paz Estensoro que se tornaria presidente da República a ilustre poetisa Yolanda Bedregal a famosa escultora Marina Núñez del Prado e escritores e intelectuais como Gustavo Adolfo Otero Juan Capriles Eduardo Arce Loureiro , Raúl Botelho Gosálvez , Alberto e Max Mendoza López, entre outros. Os amautas foram perseguidos e, de fato, o Parlamento amauta foi suspenso em 1941. Nesse ano chegaram à escola Warisata os professores Vicente Donoso Tórrez e Max Byron , membros de um tribunal de investigação encarregado de processar as escolas, que passaram a acusar os amautas de terem feito tudo errado, como, por exemplo, o fato de terem construído as escolas de dois andares quando deveriam ser uma só, e designam como responsáveis Avelino Siñani e Elizardo Pérez, que seriam punidos. Em discurso proferido em La Paz em 24 de setembro de 1941, Elizardo Pérez exigiu a atenção dos órgãos oficiais em favor dos povos indígenas e em defesa do seu trabalho. Abaixo estão os parágrafos finais.

Do exterior vozes de grande autoridade, do fundo do povo gritos de angústia, da imprensa que nobremente se encarregou da defesa dos índios, de todos os lados da opinião vieram vozes de reclamação, de reclamação ativa, tentando. convencidos do grave crime que se cometia e em todos os estilos, em todos os meios de comunicação humana, tentaram abrir os ouvidos dos surdos, os olhos dos cegos, a compreensão dos tolos; mas ninguém queria nos ouvir, nos ver ou nos compreender.

Tocámos a porta da pátria com a pedra de toque da angústia, e a porta foi emparedada, impossibilitando que quem estava atrás dela nos ouvisse. Dois milhões e meio de indianos clamam agora por justiça.

“Quando o coração dos homens endurece – diz o Evangelho – até o Pai, que é a bondade suprema, resolve precipitar tudo no vazio e na morte”. “Quem tem ouvidos não ouve, quem tem visão não vê, quem tem entendimento não entende.” Quando as pessoas enfrentam horas de liquidação por causa de seus filhos maus, seus ouvidos, visão e compreensão também ficam fechados; e isso é um sinal, senhores, de crises graves e até de dissolução. Nosso dever é, portanto, remediar tanto mal. Se não tivermos a coragem civil de apontar este crime perante o povo, seremos também tão responsáveis como aqueles que fizeram o mal para o país; porque o edifício nacional está corroído por ambições subalternas, ódio e amargura tão profundos que parece que nós, bolivianos, gostaríamos de desaparecer, destruindo-nos uns aos outros. Enquanto isso, continuemos colocando paixão em nosso trabalho e continuemos esperando que a luz de nossas dolorosas experiências e o conhecimento de nossa bolivianidade iluminem o caminho para um país digno pelo esforço.” ²⁹

A “Escola Ayllu” de Warisata e o Congresso Indígena Boliviano de 1945 abriram espaços relevantes nos quais a reflexão sobre o acesso à educação tornou-se uma questão prioritária.

²⁸ Elizardo Pérez, *op. cit.*, 378.

²⁹ *Ibid.*, 465.

Estas discussões não se concentraram apenas na plena inclusão da cidadania boliviana, mas gradualmente começaram a desenvolver a importância da consciência da identidade a partir da diferença³⁰. Agora, quando a oportunidade de ingresso é alcançada, a diferença fica evidente no desenho curricular que foi pensado tanto para o mundo escolar urbano quanto para o mundo escolar rural, tornando-se este último um campo mais abandonado pelas políticas públicas.

Em 1948, Elizardo Pérez foi nomeado Ministro da Educação por proclamação popular. Posteriormente, participou do II Congresso Indígena realizado em Cusco, Peru, entre 24 de junho e 4 de julho de 1949. Em 1953 participou do Congresso Internacional de Genebra, onde se reencontrou com seu professor Georges Rouma. Em 1954 trabalhou para a UNESCO e participou da fundação de vários centros escolares nos territórios ao redor do Lago Titicaca, com sede em Puno, Peru. Em 1963 foi fundado em Tarija o Instituto Superior de Educação (ISER). A criação desta instituição foi encomendada pelo Presidente da República, Víctor Paz Estensoro. A partir desta plataforma institucional, foi desenhado e desenvolvido um número relevante de cursos de aperfeiçoamento para supervisores de educação e professores de escolas normais rurais na Bolívia.

Elizardo Pérez morreu em Quilmes, 123, província de Buenos Aires, onde residia há quase vinte e cinco anos com sua esposa e filhas. Nesse exílio extenso e voluntário, Elizardo Pérez viveu na pobreza até a sua morte. Entre os reconhecimentos mais importantes estão o Doutor Honoris Causa da Universidade de Cusco e o Condor dos Andes, pouco antes de sua morte, em 1980. Elizardo Pérez deve ter sido de constituição robusta, pois viveu até uma idade muito avançada apesar disso. sua vida foi de sacrifício e esforço, conseguindo resistir a ataques e dificuldades difíceis, que só um coração fundido em ferro quente poderia manter a calma sem desmoronar e sucumbir.

Imagem 4. Elizardo Pérez aos 50 anos



Nota de Carlos Salazar Mostajo (1942).

30 Cristina Oyarzo, "Discursos do movimento indígena no debate educacional na Bolívia no início de 1990: ideias sobre interculturalidade", *Revista Izquierdas*, nº 49 (2020): 2277.

Lei da Educação “Avelino Siñani - Elizardo Pérez” nº 070 (ASEP)

Esta lei foi promulgada em 20 de dezembro de 2010 pelo Estado Plurinacional da Bolívia.

O significado que tem é simbolicamente muito transcendente para a sociedade boliviana. É o resultado da sedimentação de um grande número de reformas educativas que afundam seu início no início do século XX. É o resultado da reivindicação permanente e muitas vezes inédita pelos “direitos educacionais indígenas” dos povos indígenas bolivianos, que, como sabemos, têm uma elevada representação demográfica em grande parte do território boliviano³¹. Uma das características mais evidentes desta lei é que ela é construída a partir dos conteúdos que a reivindicação histórica pelo direito à educação indígena Elizardo colocou no cenário social e político desde o início do século XX, com aqueles levantados pelo “Ayllu Escola” de Warisata. Não devemos esquecer que a ausência de participação dos povos indígenas na tomada de decisões permitiu que a educação rural se tornasse um novo e mais sofisticado mecanismo de dominação e ossificação, ou uma forma de colonização, poderíamos acrescentar, do colonialismo republicano³². Citamos os dez primeiros números do artigo 1.º intitulado “Mandatos Constitucionais da educação”. São os seguintes: Toda pessoa tem direito a receber educação em todos os níveis de forma universal, produtiva, gratuita, integral e intercultural, sem discriminação.

1. A educação constitui função suprema e primeira responsabilidade financeira do Estado, que tem a obrigação inabalável de a sustentar, garantir e gerir.
2. O Estado e a sociedade têm pleno controlo sobre o sistema educativo, que inclui o ensino regular, alternativo e especial, e o ensino superior de formação profissional. O sistema educativo desenvolve os seus processos com base em critérios de harmonia e coordenação.
3. O sistema educacional é composto por instituições de ensino públicas, instituições de ensino privadas e convênios.
4. A educação é unitária, pública, universal, democrática, participativa, comunitária, descolonizadora e de qualidade.
5. A educação é intracultural, intercultural e plurilingue em todo o sistema educativo.
6. O sistema educativo assenta numa educação aberta, humanística, científica, técnica e tecnológica, produtiva, territorial, teórica e prática, libertadora e revolucionária, crítica e solidária.
7. A educação é obrigatória até o ensino médio.
8. A educação fiscal é gratuita em todos os níveis, até o ensino superior.

31 *Ibid.*, 36.

32 Roberto Choque e Cristina Quisbert, *Educação indígena na Bolívia. Um século de provações educacionais e resistência patronal* (La Paz: Unidade de Pesquisa Histórica Uniñ-Pakaxa, 2006)

Conclusões

A “Escola Ayllu” de Warisata surgiu no contexto de uma disputa de grupos sociais opostos e desiguais entre a classe proprietária de terras e os povos indígenas. Elizardo Pérez e Avelino Siñani foram líderes da educação indígena e intercultural na Bolívia e na América Latina e no Caribe. A escola era um paradigma do comunitarismo indígena, da reciprocidade e do *ethos* da sabedoria aimará.

Destaca-se a importância do Parlamento Amauta, que se tornou um verdadeiro

farol para a recuperação não só das terras ancestrais, mas também dos conhecimentos e ontologias dos povos indígenas. Assim nasceu a “Escola Ayllu” de Warisata, construída de baixo para cima com evidente sentido ético, pedagógico, político e indígena. Embora tenha sido destruído pelas elites da época, o legado que deixou foi muito profundo.

A “Escola Ayllu” foi um projeto pedagógico num território com alta densidade populacional indígena, a cem quilômetros da cidade de La Paz, quase quatro mil metros acima do nível do mar. Foi uma escola construída com a participação da comunidade indígena e a liderança visionária de Elizardo Pérez. Consideramos que na atual formação docente na América Latina e no Caribe há um enorme desconhecimento e ausência de cursos ligados à história da educação na América Latina. Esta realidade explica a forte presença de autores europeus e norte-americanos nas referências bibliográficas das disciplinas das licenciaturas em Educação e Pedagogia. A descolonização do conhecimento e a visibilidade de histórias de projetos pedagógicos, como o empenho de Elizardo Pérez e Avelino Siñani, respondem plenamente à identidade e à razão de existência da *Revista de História da Educação Latino-Americana* (RHELA).

125

Conflito de interesses

O autor declara não ter conflito de interesses.

Financiamento

Este trabalho foi financiado pela ANID/BASAL FB210018.

Referências bibliográficas

- Bolívia: Lei Educacional “Avelino Siñani - Elizardo Pérez”, 20 de dezembro de 2010. <https://www.lexivox.org/normas/BO-L-N70.html>
- Choque, Roberto. “A escola indígena: La Paz (1905-1938)”. Na *Oficina de História Oral Andina, THOA, Educação indígena: Cidadania ou colonização?* La Paz: Secretaria Nacional de Educação, 1996,19-40.
- Clash, Roberto e Cristina Quisbert. *Educación indígena na Bolívia. Um século de provações educacionais e resistência dos empregadores*. La Paz: Unidade de Pesquisa Histórica Unih-Pakaxa, 2006.

Deutsche Welle . “Bolívia plurinacional: o que une e o que divide seus povos indígenas” (*dw.com*) , 24 de agosto de 2017. <https://www.dw.com/es/bolivia-plurinacional-qu%C3%A9-une-y-que-divide-seus-povos-ind%C3%ADgenas/g-59480485>.

Fernández-Coca, Víctor. “Escola Ayllu Elizardo Pérez.” *Parecer* , Cochabamba, 4 de maio de 2014.

LARRYO , Francisco. *História geral da pedagogia* . Cidade do México: Porrúa, 1967.

OYARZO , Cristina. “Discursos do movimento indígena no debate educacional na Bolívia no início dos anos 1990: ideias sobre interculturalidade.” *Revista Izquierdas*, nº 49 (2020): 2276-2298.

Pérez Oropeza, Maria Victoria. *Elizardo Pérez. O despertar das consciências* . La Paz: Campanha pelo Direito à Educação, 2017.

Pérez, Elizardo . *Warisata : A Escola - Ayllu* . La Paz: CERES/HISBOL, 1992.

Talavera, Maria Teresa. “Professores urbanos e rurais na expansão da educação pública boliviana. 1940-1964.” *Ciência e Cultura* , nº 30 (2013): 175-197.

